

Thapiri

As flores-imagem dos sonhos Yanomami

Na língua Yanomami ocidental, falada pela comunidade de Sheroanawe Hakihiiwe (Mahekototheri, Platanal, Alto Orinoco, Venezuela), o verbo *thapimou* significa "sonhar". Sonhar "longe/além" (*thapi ha*), no espaço-tempo da floresta (*urihi a*). Sonhar com outros lugares, com pessoas ausentes ou com outros seres, não humanos. Assim, *thapi* – o sonho – caracteriza a atividade onírica sobretudo como veículo de exploração mental para além dos limites da experiência do visível diurno. Para o título desta exposição, foi acrescentado à palavra o sufixo *-ri*, com denotação superlativa e/ou sobrenatural (mitológica ou xamânica). Assim, podemos entender este conjunto de novas obras do artista Yanomami Sheroanawe Hakihiiwe – *Thapiri* – como uma compilação e relato em imagens de um percurso de sonhos extraordinários, de sonhos metafísicos através da floresta.

Para que possamos compreender o significado da obra de Sheroanawe Hakihiiwe e verdadeiramente apreciar as imagens oníricas e o universo da floresta que ela explora, é necessário, antes de tudo, desprender-nos de certos pontos cegos do nosso próprio olhar e principalmente do vocabulário que o fundamenta. Lembremos, então, que a floresta habitada pelos Yanomami não é, para eles (como muitas vezes é para nós), nem um simples conjunto de árvores, nem uma inquietante natureza morta sujeita à nossa exploração desenfreada ou contemplação nostálgica. A "terra-floresta-mundo," chamada *urihi a* é, para o saber xamânico Yanomami, um multiverso complexo onde coabitam, à custa de compromissos mútuos, mas em pé de igualdade, uma multiplicidade de povos vivos, visíveis ou invisíveis, humanos ou não humanos.

Além disso, também devemos partir do entendimento de que os sonhos dos xamãs Yanomami não se reduzem ao exercício de fantasias místicas e exóticas ou à adivinhação de desejos cifrados. Para os Yanomami, pelo contrário, trata-se de uma verdadeira forma de conhecimento e investigação metafísica. É isso que Davi Kopenawa, grande intelectual e líder político dos Yanomami do Brasil, trata de nos fazer entender quando diz: "Nós, os Yanomami, quando realmente queremos

conhecer as coisas, nos esforçamos para vê-las sonhando. Esse é o nosso modo de estudar."¹

Durante o sonho, a "imagem" interior de cada pessoa – esse componente imaterial do ser humano que os Yanomami ocidentais chamam de *no uhutipî* – se desprende do corpo e viaja para longe. No decorrer de suas viagens extracorpóreas, essa "imagem" é capaz de viver experiências de interação e percepção que remetem ao cotidiano do sonhador, mas numa geografia distante: caçadas, viagens e festas; visitas de ausentes; amores e desventuras; encontros ameaçadores ou inquietantes com animais, seres maléficos ou espectros, entre outros. Estas são, segundo os Yanomami, formas de sonho da "gente comum" (*kuapora thë pë*). Os sonhos dos xamãs (*shapori thë pë*), por outro lado, são considerados muito mais intrépidos e, ao mesmo tempo, verdadeiramente "distantes". Durante a noite, os espíritos xamânicos *hekura pë* podem se apoderar de sua "imagem" *no uhutipî* e levá-la, por seus "caminhos de luz", para percorrer todas as dimensões do espaço-tempo cosmológico: tanto através dos níveis sobrepostos do universo quanto no tempo das origens, ou, ainda, até o refúgio dos seres maléficos mais longínquos. Assim, durante o "tempo do sonho" (*mari tēhë*), a viagem extracorpórea da "imagem" dos xamãs convertidos em espíritos *hekura* se torna uma odisseia metafísica rumo a universos remotos e desconhecidos pela "gente comum". Como explica ainda Davi Kopenawa, "Nós, os xamãs, temos dentro de nós o 'valor do sonho' dos espíritos. São eles que nos permitem sonhar longe. Por isso suas imagens nunca deixam de dançar conosco enquanto dormimos."

Essa extraordinária capacidade de "sonhar longe", a partir da experiência cotidiana ou acompanhando as viagens dos espíritos, é atribuída pelos Yanomami a *Omawë*, o demiurgo criador do mundo atual. Este, na qualidade de "sonhador primordial" (*marítima a*), deu aos humanos a capacidade de, durante o sono, liberar suas "imagens" para fora dos corpos. Mas, para além disso, *Omawë* criou e localizou, nos confins da floresta, a "árvore dos sonhos" (*mari hi*), cujas flores, ao

¹ As referências a Davi Kopenawa e as noções Yanomami sobre os sonhos aqui evocadas derivam do livro que escrevemos juntos: *A Queda do Céu*, capítulo 22, "As flores do sonho," 2015, Companhia das Letras, São Paulo.

desabrochar, estimulam o sonho dos humanos como um tipo de acelerador de partículas imagéticas.

Os Yanomamis diferenciam as imagens imateriais (*uhutipî*), como as do xamanismo, de elementos gráficos dos desenhos/pinturas/marcas (*õni/nouku/-no*)² corporais. Como nos casos de Joseca Yanomami no Brasil, influenciado pela iconografia escolar presente durante sua infância, a maioria dos artistas Yanomami contemporâneos optou por seguir a inspiração das imagens xamânicas. Ou seja, pela transposição pictórica dos cantos e relatos xamânicos para o papel, que se transforma assim em "pele de imagens" (*utupa siki*). Dessa forma, eles "fazem baixar" (como os xamãs com seus espíritos) as representações dos seres da cosmologia e da mitologia Yanomami sobre "peles de papel" (*papeo siki*). Assim, se apropriam do dispositivo de representação ocidental "realista" e o transformam em um novo estilo pictórico que podemos denominar de "realismo xamânico" (em alusão ao famoso realismo mágico literário).

A inspiração de Sheroanawe Hakihiiwe, por sua vez, seguiu um caminho diferente e bastante original: o dos desenhos/pinturas/marcas que tradicionalmente adornam os corpos e objetos Yanomami, cotidianos ou rituais. Como o artista frequentemente relata, essa inspiração gráfica lhe chegou, na infância, por meio de uma paciente iniciação supervisionada por sua mãe, uma notável ornamentista e artesã de cestos. Os padrões dessas figuras, que cobrem tanto a superfície dos cestos quanto a pele humana, são formados por uma variedade de (talvez cerca de vinte) elementos gráficos geométricos simples e que podem ser combinados entre si. Muitas vezes, esses elementos remetem a características animais, especialmente a traços dos corpos dos ancestrais "humano-animais" da mitologia Yanomami (os *Yarori pë*). Foi, portanto, a partir de uma reapropriação pessoal dessa antiga tradição gráfica — somada à influência da caligrafia e do rigor escolar aos quais também foi exposto — que Sheroanawe Hakihiiwe definiu, pouco a pouco, seu singular estilo estético. Assim, ao longo dos anos 2000, já no início de sua trajetória artística, o artista reuniu um vasto compêndio dos padrões tradicionais transmitidos por sua mãe. Esses padrões tiveram lugar de

² Para uma análise do trabalho de dois artistas Yanomami do Brasil, ver Joseca Mokahehi e André Taniki, capítulos 6 e 7 de Bruce Albert & Davi Kopenawa, 2023, *El espíritu de la floresta*. Buenos Aires: Eterna Cadencia.

destaque em sua primeira exposição individual, intitulada *õni thë pë komi* ("Todos os desenhos estão terminados") e organizada por Luis Romero em 2010, na Oficina #1, em Caracas.

Partindo dessa pesquisa estética autoetnográfica, Sheroanawe Hakihiiwe foi progressivamente inventando uma espécie de estenografia icônica, inicialmente em vermelho e preto e, posteriormente, de forma cada vez mais colorida. Essa técnica pictórica isola, estiliza e transpõe os traços, marcas e formas animais e vegetais resultantes de sua minuciosa observação do mundo da floresta em que vive, e que registra a lápis em cadernos que sempre leva consigo: "Quando saio para pescar ou caçar na selva, sempre levo comigo uma folha de papel para descrever ou esboçar o que observo, esse é hoje meu trabalho, meus desenhos surgem disso..."³.

As figuras e traços estilizados produzidos por essa aguda observação dos elementos gráficos dos mundos vivos da floresta são finalmente transpostos pela fértil imaginação artística de Sheroanawe Hakihiiwe. Transformam-se, assim, em figuras e signos abstratos (em preto e branco, preto e vermelho ou outras cores), isolados e ampliados ou, mais frequentemente, repetidos em grades ortogonais e meticulosamente projetados sobre uma superfície de papel ou de tecido: marcas de animais, detalhes de plumagem ou pelagem, folhas, cipós, frutos, galhos, palmeiras, répteis, insetos, cogumelos, asas de borboletas, entre outros.

Nesta nova série de obras, no entanto, a originalidade de sua perspectiva gráfica habitual se magnifica de uma forma bastante singular. Essa amplificação não diz respeito às suas fontes de inspiração, tampouco aos fundamentos de seu estilo gráfico. Surge, antes, de um desdobramento de seu olhar que parece produzir um efeito de paralaxe estética. Assim, o título *Thapiri* nos indica que, nesta exposição, Sheroanawe Hakihiiwe transcende sua clássica abstração geométrica dos traços gráficos da floresta para reconsiderá-los sob a perspectiva do sonho. Com isso, o artista explora, por novos caminhos, uma recomposição não euclidiana do espaço pictórico que habitualmente os agrega e os contém. Dessa forma, os padrões minimalistas das cadernetas

³ Trecho do vídeo *Les Vivants: L'exposition vue par Sheroanawe Hakihiiwe – Artiste Yanomami* (curadoria de Bruce Albert e Hervé Chandès, Lille, França, 2022).

de Sheroanawe Hakihiwe parecem ganhar vida e dançar impregnados de uma luminosidade resplandecente e cada vez mais colorida. Proliferam, na superfície do papel, como enigmáticas multiplicidades rizomáticas que desenham cartogramas de viagens oníricas.

Transformado em constelações de signos espalhados fora de sua ortogonalidade habitual, o grafismo do artista parece, como diria Davi Kopenawa, ter sido levado pelo "valor de sonho" dos espíritos xamânicos *hekura pë*. Aqui, Sheroanawe Hakihiwe contempla o universo da floresta não apenas por meio de suas próprias observações, mas também por intermédio da visão cosmológica que toma emprestada dos *hekura pë*, que viajam com sua "imagem" durante o "tempo do sonho" (*mari tëhë*). Assim, ao observar essas novas obras, temos a sensação de adentrar um universo flutuante, no qual misteriosas coreografias icônicas circulam como esboços caídos de um diário de viagem xamânica: caminhos que despencam do céu; espalhamentos ondulantes de ornamentos e folhas de palmeira; caligrafias de universos aquáticos e terrestres; cipós de relâmpagos e signos de pedra; árvores nebulosas e faixas de nuvens; adornos luminosos de penas e chuvas de frutos; emaranhados de serpentes multicoloridas; galhos entrelaçados e redemoinhos pontilhistas de água...

Por meio de seus cantos e coreografias, os xamãs Yanomami se esforçam em transmitir, à "gente comum" de suas comunidades, o "valor de sonho" de seus espíritos, compartilhando as visões dos mundos distantes e das entidades desconhecidas que encontraram durante suas incessantes odisséias cosmológicas. Em um gesto similar, através das obras da presente exposição, Sheroanawe Hakihiwe faz brotar à nossa frente as imagens das "flores dos sonhos" da multiplicidade de seres da floresta onde vive, , um dia após o outro, como caçador e artista Yanomami. Assim, com uma generosidade inquieta, o artista nos convida a abrir nossa sensibilidade e nossa mente à estética e aos saberes dos habitantes de outro universo, o da "terra-floresta-mundo" Yanomami, cuja riqueza, diversidade e beleza o nosso mundo industrial, por ignorância e ganância, insiste em destruir impiedosamente.

Bruce Albert

Tradução: Tamy Imai Cenamo